

Análise da representação da diversidade de gênero nos cursos de graduação da Universidade Estadual Paulista (Unesp)

Thais Alessandra Da Silva¹

Samantha Lanzelotti²

Naiara Lima Costa³

Marilaine Colnago⁴

Wallace Casaca⁵

FEC/UNESP, Campus de Rosana, SP

Advinda da historicidade atribuída às lutas em prol da igualdade de gênero, nos dias atuais, as mulheres representam a maioria dos discentes no ensino superior brasileiro. Entretanto, segundo [2], apesar de ocuparem o maior número nessas instituições, o papel da mulher no âmbito acadêmico e profissional ainda está atrelado a certa discriminação perante a sociedade.

À vista disso, verifica-se que as mulheres tendem a ter a habitualidade de optarem por carreiras consideradas, ao longo de gerações, como “femininas”. Assim sendo, torna-se perceptível o abismo existente da desigualdade de gênero dentro dos cursos de ciência, tecnologia, engenharia e matemática (do inglês, *Science, Technology, Engineering, and Mathematics* - STEM).

Em [1], é retratado que a desigualdade entre homens e mulheres no meio acadêmico e profissional se prolonga historicamente. Por conseguinte, através do Anuário Estatístico 2021 da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"(Unesp), o projeto de extensão GECET: Garotas nas Engenharias, Ciências Exatas e Tecnologias, analisou os números de matrículas por gênero da Instituição entre os anos de 2016 e 2020. Os cursos de licenciatura e bacharelado, de todos os campus distribuídos no estado, foram agrupados, em função da área de conhecimento, em: Ciências Biológicas (C. Biológicas), Ciências Exatas (C. Exatas) e Ciências Humanas (C. Humanas).

A análise evidencia a discrepância entre as áreas, reforçando a sub-representação de mulheres na STEM. Na Figura 1, do total de alunos matriculados, as mulheres nas ciências biológicas e ciências humanas representam, em média, 62,29% e 59,37%, respectivamente. Já nas ciências exatas, o percentual médio de mulheres matriculadas é de 35,96% do total. Análogo, os percentuais médios em relação aos formandos demonstram cenário similar, tendo diferença máxima de 5%. Contudo, demonstram em todas as áreas do conhecimento, média percentual superior à de matrículas, o que evidencia o bom desempenho dessas mulheres dentro da academia.¹

¹ thais-alessandra.silva@unesp.br

² samantha.lanzelotti@unesp.br

³ costanaiaralima@gmail.com

⁴ marilaine.colnago@unesp.br

⁵ wallace.casaca@unesp.br

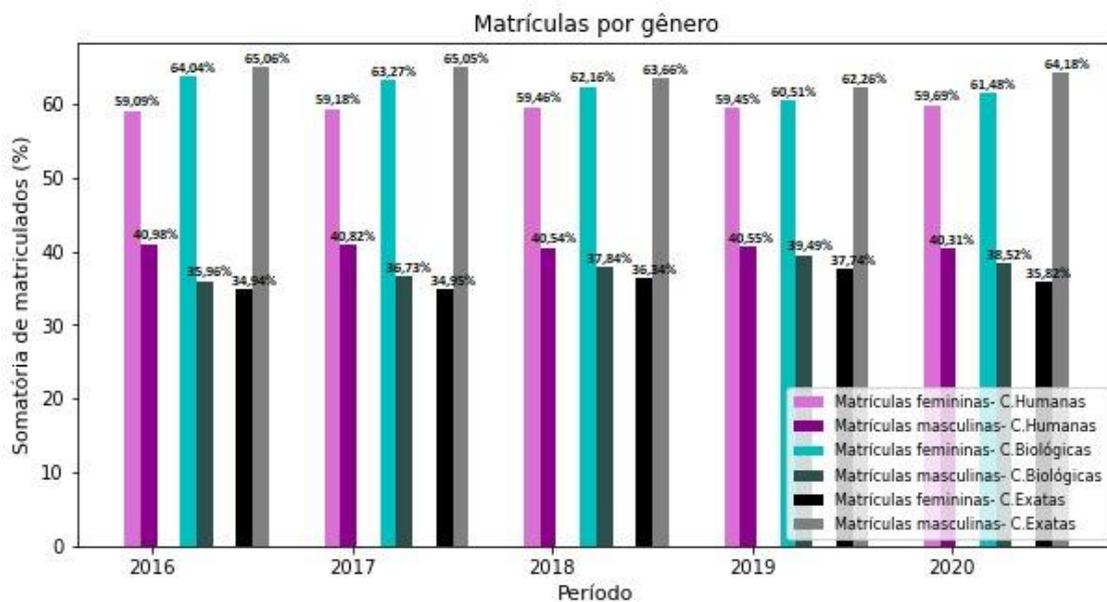


Figura 1: Gráficos da porcentagem de discentes matriculados da UNESP.

Com base no exposto, as análises gráficas reafirmam o reflexo e o cenário proporcionado que um pensamento de uma sociedade, que por muito tempo, acreditou que a vocação às áreas correlatas a exatas e tecnologias eram direcionadas aos homens, enquanto mulheres foram separadas para cuidados e educação. Portanto, se faz de extrema importância o desenvolvimento de pesquisas e projetos de extensão que tentem mitigar as diferenças entre gêneros, fato que trará muitos benefícios à sociedade.

Agradecimentos

Agradecemos a PROEC/UNESP pelo financiamento do projeto e ao Comitê Temático das Mulheres na Matemática Aplicada e Computacional da SBMAC pelo apoio.

Referências

- [1] L. B. S. Jardim. “A desigualdade de gênero nas universidades naturaliza as relações discriminatórias do mercado de trabalho”. Tese de doutorado. FGV, 2016.
- [2] A. C. F. Pereira e N. L. G. de Almeida. “História da mulher no ensino superior e suas condições atuais de acesso e permanência”. Em: XIII Congresso Nacional de Educação (2017). Aceito. doi: ISSN2176-1396.